

A contribuição da literatura infantil no processo de construção da identidade étnico-racial na educação infantil

Denise Carvalho dos Santos¹ 

UESB

Soraya Mendes Rodrigues Adorno² 

UESB/DCHL

Izaneete Marques Souza³ 

IFBaiano / Itapetinga

Artigos livres | Free articles | Artículos libres

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v6i2.9777

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a contribuição da literatura infantil no processo de construção da identidade étnico-racial na educação infantil e discutir as representações de crianças negras nas histórias infantis. Pretendeu-se também discutir a importância de se trabalhar literatura com temáticas voltadas às relações étnico-raciais na educação infantil. A metodologia utilizada foi a análise cultural das obras literárias infantis "Betina" e "Makeba vai à escola" a partir da revisão bibliográfica de autoras negras, como: Nilma Lino Gomes e Ana Fátima Cruz dos Santos, que tratam das relações étnico-raciais representadas por personagens infantis. Referente à literatura infantil para as relações étnico-raciais, em sua maioria as negras e negros são representados de forma estereotipada. A lei 10.639/03, evidenciou a necessidade de se trabalhar a cultura da população negra e indígena na escola, estimulando a oferta de materiais que tratem desse tema. É importante que as crianças negras se vejam etnicamente representadas em obras literárias que lhes possibilite a construção de sua identidade e pertencimento. A análise dos dados nos permitiu reflexões e novos olhares voltados para a construção da identidade étnico-racial na educação infantil através da literatura infantil.

Palavras chave: Literatura infantil; Identidade étnico-racial; Educação infantil.

The contributions of children's literature in the process of building ethnic-racial identity in childhood education

ABSTRACT

This project has a goal to analyze the contributions of children's literature in the process of building an ethnic-racial identity on childhood education and discuss the representations of black children in children's stories. It was also intended to discuss the importance of working literature with themes related to ethnic-racial relations in early childhood education. The methodology used was the cultural analysis in children's literary work "Betina" and "Makeba vai à escola" from the bibliographical review of black authors as Nilma Lino Gomes and Ana Fátima Cruz dos Santos who deal with ethnic-racial relationships represented for children's characters. Regarding children's literature to the ethnic-racial relationships mostly black people are represented in a stereotyped way. The law 10.639/03 has shown the need to work the black and indigenous population culture in the school stimulate the offer of materials that deal with this theme. It's important that the black children see themselves ethnically represented in literary works that enable them to build they identity and belonging. An analysis of the data allowed us reflections and new perspectives on the construction of ethnic-racial identity on childhood education throw children's literature.

Keywords: Children's literature; Ethnic-racial identity; Childhood education.

Submetido em: 29/10/2021 | Aceito em: 14/12/2021

¹ Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Diversidade Étnico-Cultural / UESB. E-mail: deny_lety@hotmail.com

² Professora, Classe Adjunto, UESB. Licenciatura em Pedagogia (UEFS); Mestrado em Educação (UFRN); Doutorado em Enfermagem e Saúde (UESB). Pesquisadora: Grupo de Estudos Filosóficos em Representações Sociais (UESB), e; Etnociências e Autossustentabilidade de Povos Tradicionais (UESB). E-mail: sorayaadorno@uesb.edu.br

³ Mestra em Educação e Diversidade (UNEB); graduada em Letras (UNEB). Pesquisadora líder do GEPEDET/IF Baiano (Grupo de Pesquisa em Educação, Diversidade, Linguagens e Tecnologias); segunda líder do grupo de pesquisa NEABI/IF Baiano (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas); coordenadora, na região Nordeste, do Conneabs Consórcio Nacional de NEABs, NEABs e grupos correlatos da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros), gestão 2020-2022. Membro do Difeba/UNEB. E-mail: izanetemarques@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um recurso fundamental e significativo para a formação do sujeito uma vez que propõe indagações ao leitor, estimula a curiosidade, permite a produção de novos conhecimentos e é importante para o desenvolvimento de um leitor crítico, fluente e pensante.

O contato com a literatura infantil proporciona às crianças diferentes experiências, possibilitando o desenvolvimento linguístico, a imaginação, emoções e sentimentos de forma significativa, desenvolve também os aspectos emocionais, sociais e cognitivos, criando condições favoráveis para a aprendizagem. O encontro da criança com a obra literária geralmente estimula o gosto pela leitura e nesse contexto a literatura infantil torna-se importantíssima na educação infantil em suas várias possibilidades: divertindo, estimulando a imaginação, desenvolvendo o raciocínio e a compreensão de mundo.

Na Literatura Infantil observa-se que o debate das diferenças na educação tem-se ampliado cada vez mais. Começou-se a incorporar em seus enredos e ilustrações temáticas, como gênero, etnia, raça, deficiência física, e muitos desses livros estão impregnados de uma perspectiva favorável ao discurso da diversidade e das diferenças. E onde os protagonistas deixam de ser os personagens brancos, tidos como belos, fortes, abrindo espaço para protagonistas negros, índios, excluídos, portadores de necessidades específicas, dentre outros.

Podemos considerar que paulatinamente, a partir do final da década de 90 do século XX, com grande participação dos movimentos sociais, ocorreu um aumento das ações e políticas governamentais de inclusão social no Brasil que impulsionou a tematização das diferenças no espaço escolar. Como marco dessas políticas, destaca-se a aprovação e implementação da Lei 10.639/2003 (alterada pela 11.645/2008) que incluiu no currículo oficial das escolas das redes de ensino público e privado, a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, que permitiu dar maior visibilidade ao debate, reflexão e ações sobre a história e a cultura da população negra e indígena do nosso país.

Nessa perspectiva, faz-se necessário refletir: Qual a contribuição da Literatura Infantil no processo de construção da identidade étnico-racial em alunos e alunas da Educação Infantil? Esse estudo tem por objetivos analisar as contribuições da Literatura Infantil no processo de construção da identidade

étnico-racial na Educação Infantil, bem como evidenciar as representações de crianças negras nas histórias infantis. Pretendeu-se também discutir a importância de se trabalhar literatura infantil com temáticas voltadas às relações étnico-raciais na educação pré-escolar.

Para isso, a metodologia qualitativa escolhida foi à análise cultural de duas obras literárias infantis: *Betina* (2009) e *Makeba vai à escola* (2019) a partir da revisão bibliográfica de autoras negras que estudam a literatura infantil a exemplo de Nilma Lino Gomes (2009) e Ana Fátima Cruz dos Santos (2019), que tratam das relações étnico-raciais representadas por personagens infantis.

A escolha do tema se justifica em razão do contato com literatura infantil na infância e investigações na graduação, referente aos estudos das relações étnico-raciais, aprofundados na especialização em Educação e Diversidade Étnico-Cultural da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia despertou-me o interesse em pesquisar as contribuições da literatura infantil para a construção da identidade étnico-racial das crianças na Educação Infantil.

Sabendo que a Literatura exerce um papel importante na vida de uma criança, podendo trazer transformações, foi fundamental nesta pesquisa, compreender a Literatura Infantil enquanto gênero literário em construção, que traz em suas narrativas, temáticas, discussões e representações culturais. No que se refere à literatura infantil para as relações étnico-raciais é fato que em sua maioria os negros e negras são simbolizados de forma estereotipada com um padrão ideológico que não os representa.

Dessa maneira, destaca-se a importância de ofertar às crianças da Educação Infantil a possibilidade de se verem representadas em obras de literatura de forma significativa, buscando fomentar reflexões sobre a construção de sua identidade e concepções de pertencimento ao seu grupo social.

O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Para Cademartori (1991), a palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e objeto de deleite. O termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. A literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde de alguma maneira, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

Em uma perspectiva europeizada, estudos literários relatam que a

Literatura Infantil na Europa teve início no final do século XVII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou seu livro “Contos da Mamãe Gansa”. No Brasil a Literatura Infantil surge muito tempo depois, no final do século XIX, de maneira isolada, como diz Lajolo e Zilbermam (2007, p. 21) quando foi “registrada daqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou de outra obra destinada às crianças”.

O aumento da urbanização no Brasil entre o final do século XIX e início do XX, torna-se o momento ideal para o aparecimento da literatura infantil. Nesse momento tem “[...] os primeiros esforços para a formação de uma literatura infantil brasileira, esforços até certo ponto voluntários e conscientes.” (LAJOLO; ZILBERMAM, 2007, p. 25).

As adaptações da literatura infantil que chegavam ao Brasil nem sempre eram de contos de fada. A partir da República, a literatura, juntamente com a escola, foi imprescindível para a formação do cidadão, com obras literárias mais voltadas ao pedagógico, trazendo adaptações portuguesas que mostravam a dependência que existia entre as colônias. Zilberman (2005) destaca alguns autores importantes da história da literatura brasileira:

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. Sem eles, talvez os livros nacionais para as crianças demorassem a aparecer (ZILBERMAM, 2005, p. 19).

Em 1942, Lourenço Filho faz um balanço da literatura infantil de seu tempo e chega à conclusão de que a quantidade de livros publicados não justificava entusiasmo, pois muitas dessas obras eram adaptações e traduções com pouca qualidade, tanto na concepção, quanto na estrutura e na linguagem. No que se refere à indústria do livro infantil, Lajolo e Zilbermam (2007) analisam, que mesmo a quantidade não conferindo qualidade,

a indústria do livro para crianças se afirmara como consequência do trabalho da geração modernista. Para os autores novos, a tarefa não era mais a de conquistar um mercado, mas a de mantê-lo cativo e interessado (LAJOLO; ZILBERMAM, 2007, p. 82).

As literaturas até os anos de 1950 abordavam o homem do campo, valorizavam a agricultura, muitas vezes como refúgio da vida urbana. O elogio do Brasil rural marcava claramente a maioria das histórias voltadas à infância. Já na década seguinte a vida urbana é destaque nas literaturas, muitas obras retratavam a realidade urbana e a marginalização econômica vivida por crianças e jovens.

Então, temas como pobreza, miséria, injustiça e marginalidade, o cenário urbano passam a ocupar o lugar central da narrativa infantil contemporânea.

Os mistérios das florestas amazônicas muitas vezes com tendência escapista e a aventura eram recorrentes nas literaturas infantil e juvenil e escondiam a realidade da época, marcando assim o gênero desse período. Negavam as figuras originais como o negro e o índio.

Em 1970, a literatura infantil passa por uma nova estruturação e, essas mudanças favoreceram para o reconhecimento desse gênero literário pela escola. Para Zilberman (2005, p. 52) a década de 70 do século passado,

foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para a criança em todo o planeta.

Essa nova estruturação que acontece na literatura infantil nesse período, passa a ser positivo, traçando características com linguagem moderna e com temas atuais. Foram destaque daquela década autores como: Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Maria José Dupré, Mário Quintana, Ruth Rocha, Vinícius de Moraes e Ziraldo. Com a valorização dos livros infantis, cuidados maiores ao produzi-los foram considerados e eles ganharam mais espaço, humor e cor. Assim sendo, Lajolo e Zilberman (2007) concordam que tanto esses autores como as obras produzidas parecem indicar o encerramento de um ciclo em que a literatura infantil teve como característica a representação desmistificadora do real.

Dessa forma, toda essa evolução da literatura infantil brasileira ocorreu, como mencionado no início, através da modernização do país, transformações que favoreceram diretamente esse tipo de literatura, uma vez que a indústria de livros se firmou e a escola se desenvolveu, fortalecendo o vínculo entre literatura e ensino, vínculo este, presente até os dias de hoje.

Ao longo da história, percebem-se as mudanças com relação à literatura infantil, transformações que foram favoráveis a diversas linguagens, possibilitando busca de aprendizagens e descobertas que a tornaram relevante e importante na formação da criança.

Marcado pela falta de oportunidades, a imagem do negro esteve sempre

presente na literatura, mas, não existia a imagem positiva do negro nos livros, apenas os personagens brancos eram valorizados e considerados como padrão de beleza, de comportamento e de cultura. De acordo com Gouvêa (2004), somente na década de 1930 é que se consolida a presença dos personagens negros na produção literária infantil, sobretudo, como narradores, apresentando a forte presença de traços associados à cultura negra, como a oralidade, a transmissão de histórias de origem africana.

Oliveira (2003) aponta que o modo como o branco vê o negro, até os dias atuais, foi moldado desde a infância pelas histórias nas quais a negritude era associada ao mal e quem fazia maldade eram negros. A reiteração feita pela autora é relevante, pois por muito tempo algumas cantigas e histórias eram contadas ou cantadas pelos adultos para assustar crianças (ou até como forma de ninar), como por exemplo, “Boi da cara preta”, “O homem da pasta preta”, entre outras.

Araújo (2018) enfatiza em seu artigo “As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil” onde trabalhou com pesquisas da pós-graduação em Educação, desenvolvidas entre os anos 2003 a 2014, ao analisar textos e autores de época, que os resultados sobre a literatura, apontam para mudanças, ainda que pequenas, na representação de personagens negras, com menos tendência a estereótipos raciais, e valorização da estética negra. No entanto, de modo geral, ainda se observa nos acervos analisados, a condição das personagens negras de sub-representação, com destaque ainda para personagens não negras.

Na referida pesquisa Araújo (2018) também pôde observar, que quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter caracterizações reducionistas, negativas e racismo implícito ou explícito, com representações estereotipadas associando as personagens à miséria, à violência, a contextos de humilhação por seus atributos físicos.

Na atualidade a Literatura Infantil voltada às relações étnico-raciais busca a valorização do ser negro, retratando situações cotidianas, valorizando os costumes, as tradições e as culturas, transformando-se em um importante meio de preservação de suas tradições e construção de sua identidade.

Graças ao vínculo da Literatura Infantil com valores pedagógicos, tornou-se cada vez mais comum que esse gênero literário pudesse trabalhar com assuntos e valores considerados importantes e atuais para a formação das crianças.

Nas últimas décadas, tem-se registrado um crescimento em relação à essa temática nas obras infantis, principalmente após a promulgação da Lei 10.639/2003, acrescentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 (20/12/1996) tornou obrigatório, o ensino da cultura e da história Afro-Brasileira e Africanas nas escolas. Desde final dos anos de 1990 e anos 2000, de acordo com Silveira *et al.* (2012, p. 20), as:

temáticas ligadas às diferenças, como etnia, deficiência física e mental, gênero, orientação sexual, velhice, obesidade, passaram a constituir campo fértil para a literatura infantil, dada a quase consensual concepção - entre os educadores- de que a abordagem de temas por meio de produtos culturais de "entretenimento", como livros de literatura infantil, filmes, desenhos animados, jogos, é sempre mais produtiva e fecunda.

Com o objetivo de auxiliar os sistemas brasileiros de ensino e os educadores, nas questões referentes às propostas pedagógicas, com reflexões e discussões, surgiu em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Sendo assim, conhecer a importância dos documentos legais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular pelos professores (até pelas famílias) a fim de garantir a todos o direito que lhes é próprio, se faz necessário desde a Educação Infantil, pois é preciso que o

Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, idéias [sic.] e comportamentos que lhes são adversos. E estes, certamente, serão indicadores da qualidade da educação que estará sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis (BRASIL, 2004, p. 11).

Deste modo, a escola tem o papel de combater o preconceito, cuidando em não reproduzir estereótipos que desqualifiquem grupos raciais e étnicos, sendo um espaço democrático onde todos possam ser iguais tendo os mesmos direitos. Conforme apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil o currículo deverá incluir: O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (BRASIL, 2010).

A influência das tematizações das diferenças e das relações étnico-raciais

desde cedo na Educação Infantil favorece o trabalho pedagógico, ao passo de uma educação inclusiva e multicultural, pois possibilita a valorização da identidade e respeito às diferenças, oportuniza a construção dos diversos conhecimentos culturais e sociais, ajudando a criança no processo de construção de sua identidade. Sobre a educação das relações étnico-raciais, Passos (2012), afirma que a mesma exige:

novas aprendizagens e novas sociabilidades para um projeto coletivo de uma Educação Infantil mais democrática, justa e plural, principalmente, se compreendemos que as crianças se constituem nas interações que lhes são propostas pelos adultos e nas que elas próprias estabelecem entre si em diferentes contextos. Interações essas permeadas por seus pertencimentos étnico-raciais, de gênero, de classe, de religiosidades, de localização geográfica, etc. São meninos e meninas constituídos por diferentes fatores socioculturais que os tornam singulares, mas também são parte de grupos sociais que em grande medida, são negligenciados e invisibilizados nas instituições educativas (PASSOS, 2012, p. 111).

Desta maneira, pode-se afirmar que há uma relevante contribuição da Literatura Infantil na construção da identidade étnico-racial da criança no espaço escolar, pois as mesmas acabam se identificando com as personagens negras das histórias infantis.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

O processo de colonização no Brasil foi, por muito tempo, marcado pela escravização e, mesmo nos dias atuais, o racismo tem colocado o negro em condições hierarquicamente inferiorizadas socialmente, mesmo sendo o Brasil um país formado pela miscigenação de vários povos. Considerada pela elite branca como cultural e biologicamente inferior, acreditavam que o Brasil não teria condições de se desenvolver e progredir.

Na afirmação de Castilho (2004, p. 106) o progresso brasileiro se daria com

o branqueamento através da miscigenação com as "raças mais desenvolvidas" (os brancos europeus), até extinguir a "raça negra inferior". No Brasil os maiores representantes desse pensamento foram Oliveira Viana e Nina Rodrigues (CASTILHO, 2004 p. 106).

De acordo com Munanga (2008), a pluralidade racial nascida do processo colonial representava uma ameaça para a elite branca da época e vários intelectuais interessaram-se na formulação de uma teoria que definisse o brasileiro enquanto povo e o Brasil como nação. Destacamos: Sílvio Romero, Euclides da

Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, que de modo geral foram influenciados pelo pensamento do determinismo biológico do séc. XIX e meados do séc. XX e “acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço” (MUNANGA, 2008, p. 52). Esses intelectuais pensavam em criar uma nova etnia e uma nova civilização brasileira, sem discutir a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural, mesmo que o Brasil tenha nascido historicamente plural.

Em contraposição, surgem nos anos 70 do século passado vários pesquisadores negros no Brasil e militantes das causas étnico-raciais discutindo e dando visibilidade às questões plurirracial e pluriétnica. Ao longo da história brasileira, a luta de combate ao racismo e das desigualdades raciais pelos movimentos negros possibilitou a inserção das questões étnico-raciais na educação brasileira, como a história do povo negro, valorização e respeito étnico, construção identitária, além da criação de políticas de promoção da igualdade racial.

A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, do seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento, ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Gomes (2008, p. 21), ressalta sobre a construção da (s) identidade(s) negra (s), para ela:

No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) resignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas mais sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência num processo [...] É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação.

Nesse sentido, é possível verificar, que referente à Literatura Infantil e a construção de identidade étnico-racial da criança, a presença positiva do negro no livro é muito importante, principalmente se este livro for acessado por crianças negras e não negras, nos diversos espaços sociais, possibilitando a interação do leitor com temáticas voltadas para as relações étnico-raciais, contribuindo para o respeito à diversidade e a tolerância/aceitação.

A leitura de histórias na educação infantil tem ajudado a provocar de forma

especial o conhecimento do mundo, que segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (BRASIL, 1998, p. 143).

Assim, escola se apresenta como um espaço privilegiado para a construção da identidade, que poderá levar a criança a entender o seu eu, diferenciando-se do outro, levando-a a conhecer a sua própria história e histórias de outras gerações, proporcionando a troca de conhecimentos, construindo assim a identidade pessoal e cultural em meio ao social.

NARRATIVAS INFANTIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Contar histórias é uma prática que existe desde tempos antigos, as narrativas eram transmitidas oralmente de geração em geração. A prática de contar histórias oralmente acompanha o homem desde seu surgimento no mundo, sendo presente nas mais diferentes culturas, construindo representações de mundo. Segundo Abramovich (1991), o primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, tendo como narrador uma voz familiar, a autora destaca a importância de as crianças ouvirem histórias, pois:

Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1991, p. 16).

Na perspectiva de que a literatura pode, ao longo desse caminho, levar pequenos ouvintes/leitores a compreenderem o mundo ao seu redor e o seu lugar nesse mundo, logo, nota-se à importância de oferecer obras literárias que abordem temas étnico-raciais desde a Educação Infantil. Assim, essa pesquisa se propôs a analisar as obras “Betina” de Nilma Lino Gomes e “Makeba vai à escola” de Ana Fátima Cruz dos Santos.

Nilma Lino Gomes (2009) em seu livro “Betina”, com ilustrações de Denise Nascimento, destaca o aspecto de que a oralidade não só é essencial para a conservação de tradições culturais, resgatando a história de um povo, processo voltado à construção da identidade negra na atualidade. A narrativa de “Betina” é sobre uma menina negra e seu convívio com a avó, que lhe transmiti

conhecimentos, costumes, crenças e valores de várias gerações para a neta, enquanto trança os seus cabelos, pois:

Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda (GOMES, 2009, p. 6).

A importância da transmissão oral de saberes de geração a geração é reforçada nas ilustrações. Além da avó e da menina, a figura da boneca, também negra e de cabelos trançados, vem mostrar o caminho da difusão de conhecimentos, experiências e tradições. Transmitir a habilidade de trançar cabelos é um modo de preservação da identidade negra, por parte da avó, e de construção ou afirmação dessa identidade do ponto de vista da criança.

Os traços de Betina são cuidadosamente desenhados, tanto nas descrições, quanto nas ilustrações, com o objetivo, sem dúvidas, de valorizar as características negras, desde os contornos do rosto, boca e nariz até os detalhes dos cabelos, eixo central da narrativa:

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas (GOMES, 2009, p. 8).

Betina tinha a autoestima alta e não tinha vergonha de si:

Na escola, a professora perguntava:
- Uau! Já mudou de penteado de novo, Betina. Essa menina é mesmo impossível!
Betina sorria com suas bochechas salientes e respondia, orgulhosa:
- Foi minha avó quem fez (GOMES, 2009, p.10).

A menina orgulhava-se de suas tranças, de sua origem que a caracterizava como negra. Nota-se na história a liberdade da negritude, da consciência de si mesma e a fala da professora elogiando as tranças, sendo relevante para despertar a valorização da cultura negra nos alunos e alunas.

A Literatura Infantil no espaço educacional abordando temáticas étnico-racial possibilita debates sobre esse tema, levando para a sala de aula novos perfis de personagens, como heróis e heroínas que retratem a diversidade racial e cultural dos vários povos, imprimindo valorização e pertença na criança negra.

Demonstrando a pertinência de se ter material didático e literário que a diversidade racial fora dos padrões brancos que trazem em seus textos e imagens

o falso conceito da superioridade racial branca e da inferioridade do negro. A ilustração final de Betina, adulta e cabeleireira, mantém os traços da mulher negra e, quando a mesma é convidada para falar a alunos da escola de sua infância, a personagem exercita o ato de contar uma história familiar:

— É isso mesmo! Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Uma mulher foi ensinando para a outra até chegar a mim. Mas isso não aconteceu só na minha família. É uma forma muito comum de ensinar e aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente, as negras. Em nosso país, muito do que sabemos hoje, tem sido comunicado dessa maneira – explicou a cabeleireira, emocionada (GOMES, 2009, p. 22).

Assim, de tanto conviver com a avó e aprender sobre a importância da cultura, do cuidar e pentear os cabelos, ao crescer Betina passa a arrumar o cabelo de outras pessoas, passando seus conhecimentos, o que a deixava feliz da mesma maneira quando seus cabelos eram arrumados por sua avó.

Dentro da representação das personagens, destaca-se o cabelo como forma de representação de etnias. Trançar os cabelos corresponde às tramas da narrativa ao ato de contar histórias como prática cultural. Nos dias atuais o cabelo assume um grande padrão de beleza, que ajuda a embelezar as pessoas com penteados ou por sua beleza natural. Nas mulheres negras o cabelo é visto como valorização étnica e elemento identitário.

Pensado nesse sentido, Gomes (2008, p. 22) afirma que "para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária". Esse aspecto é relevante porque o racismo "científico" e estrutural usa o cabelo e a cor da pele como critérios para classificar as pessoas das várias etnias existentes no Brasil.

O cabelo afro é um elemento de potência, símbolo de resistência e de fortalecimento da identidade negra na sociedade, já que a todo o tempo as crianças negras, especialmente as meninas, se deparam com os valores da cultura dominante, que desvalorizam suas características físicas, religiosidade e o seu cabelo em nome de um padrão europeizado de beleza e estética.

Em "Makeba vai à escola" (Makeba goes to school), de Ana Fátima (ilustrações de Quezia Silveira e tradução para o inglês de Marieli de Jesus Pereira), é contada a história de uma criança negra de apenas três anos que se depara com a dificuldade de ir à escola pela primeira vez e que tem medo de não ser

aceita pelos colegas. Makeba é uma linda menina negra que mora com o pai e adora, quando toda manhã, ele penteia e faz lindas tranças em seus cabelos negros. Mais uma vez a pertinência da discussão do cabelo crespo e do corpo negro, que:

Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (GOMES,2008, p. 02).

A narrativa já se inicia valorizando os traços da menina, a personagem principal da história. O papel do pai na criação de Makeba também é algo de destaque, é ele que penteia os cabelos da filha e faz as lindas tranças diariamente, a autora sai do tradicional papel que é quase sempre atribuído à mãe – pentear os cabelos das filhas. Essa quebra de papéis predeterminados de pai e mãe na família traz atualidade ao texto da autora e é mais um ponto a ser explorado em sala de aula por docentes, reafirmando a importância da literatura para a formação de consciência social nas crianças na escola.

Ela tinha medo de como seria e se perguntava:

— Será que os colegas também tinham tranças lindas como as dela? - E se na escola não existissem os livros divertidos que havia em sua casa? Lá não ia ter a vovó Cici para contar suas encantadoras histórias!

— E se os colegas não gostassem de seus perfumados vestidos de chita tão rodados quanto a lua cheia em noite estrelada? (SANTOS, 2019, p.09).

Seu contato com os livros já se inicia desde cedo, pois tinha uma biblioteca em casa, onde sua avó Cici contava-lhe histórias, diferente de grande parte das crianças que tem seu primeiro contato com a literatura somente no espaço escolar.

Em relação ao vínculo familiar, o destaque é a relação afetiva com a avó Cici, percebe-se, então, nas duas histórias que as avós são presentes na maioria na vida crianças negras, com a função principal de passar conhecimentos, ensinar sobre os costumes, crenças e valores de suas origens. Desta forma, ao representar a personagem negra, o idoso é tomado na história como o guardador de memórias.

Com relação a professora de Makeba, a autora não nos dá qualquer descrição física, mas a apresenta como sendo: "carinhosa e tão encantadora com sua coroa de cachos que, ao balançá-los, preenchia a sala com um cheiro doce de alfazema como as flores que existiam no jardim da vovó". (SANTOS, 2019, p.16). Aqui mais uma vez temos como referência a matriarca e as lembranças que

Makeba tinha de sua avó. Da mesma forma que não há descrição física da professora de Makeba também não há de seus colegas de classe, só se sabe como são fisicamente pelas ilustrações.

Esse tema nos livros de literatura na Educação Infantil contribui para uma prática mais diversificada e promotora de igualdade, pois é nesse nível escolar, que as crianças constroem suas identidades, convivem entre pares, vivenciando valores de respeito, solidariedade e afeto entre si. O preconceito não surge na criança do nada, ele pode ser imposto pelo adulto, pelos exemplos vivenciados principalmente no ambiente familiar e escolar.

O processo de socialização estabelecido pelo ambiente escolar como um espaço de vivências da criança para além do ambiente familiar pode proporcionar o contato com diversas culturas e pessoas. A escola pode se transformar em um mundo de descobertas, ampliando o universo particular da criança. Podemos perceber isso nesse trecho da história: "A menina de olhos brilhantes e tranças cor da noite se sentia tão feliz que perguntava a si mesma, toda noite, na hora de dormir: por que eu não conheci a escola antes?" (SANTOS, 2019, p. 20). Assim ao longo da narrativa, a autora realiza algumas provocações para fazer com que as crianças possam refletir e se sentirem aceitas e confortáveis como Makeba diante do ambiente escolar.

Nas duas obras aqui analisadas é importante ressaltar o papel das ilustrações nos livros de histórias infantis, pois as mesmas fazem parte da construção de sentido do texto. Faria (2004) frisa que as ilustrações nos livros infantis articulam o texto e a imagem contribuindo, por conseguinte, para a compreensão do texto narrativo. Ainda Faria (2004), agora citando Poslaniec, afirma que o livro ilustrado apresenta ao leitor dois textos, ora representado pelo texto em si e ora representado pelas imagens, pelas ilustrações. Acrescenta ainda que "A sequência de imagens proposta no livro ilustrado conta frequentemente uma história - cheia de 'brancos' entre cada imagem, que, o texto de um lado e o leitor cooperando, de outro, vão preencher" (POSLANIEC, apud, FARIA, 2004, p. 39).

Assim, é preciso que o professor esteja preparado para explorar as imagens e narrativas do livro infantil em sala de aula e, também, rever suas práticas de modo a apontar sugestões voltadas às questões étnico-raciais entre os alunos. Um dos caminhos que pode ser seguido por professoras e professores, com o objetivo de contribuir para a construção da identidade étnico-racial da criança na Educação

Infantil é a literatura como nos fala Abramovich (1991, p. 17), para quem a literatura:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história.

Vale ressaltar, que as obras literárias infantis desenvolvem aspectos afetivos, cognitivos, reflexivos e sociais, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnicos. As crianças aprendem e conhecem diferentes realidades, descobrem que o mundo é constituído por histórias, grupos sociais e etnias diversas, podendo assim interagir com o meio em que vivem. Assim sendo, tal leitura não pode ser ignorada na fase da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo procurou mostrar como a Literatura Infantil pode contribuir no processo de construção da identidade étnico-racial na Educação Infantil, considerando as diversas possibilidades de leituras que um livro pode oferecer. Lembrando que uma das mais importantes funções da literatura infantil, como já mencionado no decorrer deste trabalho, é a de possibilitar a compreensão de mundo, permitindo que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que está a sua volta, sendo mais reflexiva e crítica, desenvolvendo seu pensamento de forma organizada.

Trabalhar a valorização das relações étnico-raciais através da literatura na Educação Infantil contribui para a construção de práticas educativas que promovam a igualdade racial, pois a Literatura Infantil é um recurso que pode ser utilizado para o reconhecimento das diversidades no cenário social brasileiro, dando lastro para afirmação de uma educação étnico-racial plural, onde crianças de diferentes pertencimentos possam ser representadas e respeitadas. Cabe à escola exercer o seu papel social na luta contra a discriminação, preconceito e racismo, pois é também nesse meio que se dá a construção da identidade infantil de maneira positiva ou não.

Sendo assim, a Literatura Infantil vinculada ao discurso das diferenças, da diversidade e da valorização das relações étnico-raciais é uma importante

ferramenta para o desenvolvimento e formação social da criança, representando um potente instrumento de desconstrução de estereótipos, combatendo o preconceito e a discriminação racial, religiosa, de gênero, de classes e outras. É importante que se ofereça às crianças negras da Educação Infantil, cujas identidades étnicas foram e ainda são desvalorizadas e invisibilizadas, a possibilidade de se verem representadas em obras de literatura de forma positivamente significativa buscando fomentar reflexões sobre a construção de sua identidade e concepções de pertencimento ao seu grupo social originário.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ARAÚJO, Débora Cristina de. **As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.3.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CASTILHO, Suely Dulce. **A Representação do Negro na literatura Brasileira: novas perspectivas**. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v.7, n. 01, p.103-113, 2004.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOUVEA, M. C. S. **O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira**. Bragança: São Francisco, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**.

6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

PASSOS, Joana Célia dos. **A educação para as relações étnico-raciais como política na Educação Infantil**. In: VAZ, Alexandre Fernandes; MOMM, Caroline Machado (Orgs.). Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. **Makeba vai à escola**. Edição Bilingue. Salvador: Cogito, 2019.

SILVEIRA, Rosa Hessel; KIRCHOF, Edgar Roberto; KAERCHER, Gládis; LIEBGOTT, Iara Tatiana Bonin; ZEN, Maria Isabel H. Dalla; SILVEIRA, Carolina Hessel; RIPOLL, Daniela; FREITAS, Lefícia Fonseca Richthofen de. **A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras**. São Paulo: Moderna, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.